



CONHECENDO E REFLETINDO

ENTRE O PRAZER E O NECESSÁRIO: REFLEXÕES SOBRE O APRENDER NA INFÂNCIA CONTEMPORÂNEA

Na prática psicopedagógica atual, especialmente no atendimento a crianças com TDAH, TEA ou dupla condição, observa-se uma demanda crescente para que o processo de aprendizagem seja constantemente prazeroso, atrativo e motivador. Essa expectativa, embora compreensível no contexto social contemporâneo, marcado pelo excesso de estímulos e recompensas imediatas, impõe importantes desafios à atuação clínica e educativa.

Aprender não é um processo linear nem exclusivamente confortável. O desenvolvimento da atenção, da autorregulação e da autonomia exige contato com tarefas que demandam esforço cognitivo, persistência e tolerância à frustração. Nesse sentido, nem toda atividade proposta no atendimento psicopedagógico será percebida como agradável pela criança — e isso não representa falha na intervenção, mas parte essencial do processo formativo.

Quando o trabalho psicopedagógico se organiza apenas a partir do entretenimento ou da lógica do estímulo constante, corre-se o risco de reforçar a dependência de motivação externa, fragilizando ainda mais a capacidade da criança de sustentar a atenção em situações menos atrativas. Essa realidade se torna especialmente significativa no caso do TDAH, em que a busca por estímulos intensos já faz parte do funcionamento atencional do aprendente.

A resistência apresentada pela criança diante de determinadas propostas não deve ser automaticamente interpretada como inadequação do atendimento. Muitas vezes, essa resistência revela dificuldades importantes relacionadas à organização do pensamento, à persistência e à tolerância ao desconforto. Assim, a resistência passa a ser compreendida como um dado clínico relevante, que orienta o olhar e a intervenção do psicopedagogo.

Outro aspecto fundamental do processo psicopedagógico diz respeito aos momentos de reflexão e metacognição. Revisitar aprendizados, reconhecer dificuldades e compreender o próprio percurso favorece a construção da autonomia e da consciência sobre como se aprende. Embora esses momentos não sejam, necessariamente, lúdicos, eles desempenham papel central no amadurecimento cognitivo e emocional da criança.

Nesse contexto, o alinhamento de expectativas com as famílias torna-se indispensável. Quando se espera que o atendimento seja sempre motivador e livre de frustrações, corre-se o risco de deslegitimar processos essenciais ao desenvolvimento infantil. Psicoeducar as famílias sobre o papel do esforço, do tempo e dos desafios protege o trabalho terapêutico e fortalece a parceria entre família e profissional.

A vida escolar não será, e não precisa ser, integralmente prazerosa. Preparar crianças para lidar com essa realidade, oferecendo suporte, mediação e desafios compatíveis com seu desenvolvimento, é uma das principais responsabilidades do psicopedagogo. Entre o prazer e o necessário, constrói-se um caminho possível para o desenvolvimento da atenção, da autonomia e do aprender com sentido.